

DE PUEBLA ÀS DIRETRIZES DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA CNBB 2019-2023

(From Puebla to the CNBB's Evangelizing Action Guidelines 2019-2023)

Recebido: 20/09/2019

Aprovado: 17/12/2019

Celia Soares de Sousa

Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Pós-Graduanda em Mariologia pela Faculdade Dehoniana (em colaboração com a Academia Marial de Aparecida)

Coordenadora da Pós-Graduação para Catequistas na Faculdade Dehoniana – Taubaté (SP)

Email: celiasoaresjpv@ig.com.br

RESUMO

A proposta deste artigo é relacionar, em linhas gerais, as prioridades da III Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho em Puebla, no ano de 1979, com as Diretrizes da Ação Evangelizadora no Brasil 2019-2023 (DGAE 2019-2023), perpassando pelas demais Conferências Episcopais Latino-Americanas e pelos objetivos Gerais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) nas Diretrizes. As DGAE 2019-2023 são apresentadas pela CNBB para todo o Povo de Deus no ano em que celebramos os 40 anos da III Conferência Episcopal Latino-Americana, em Puebla. Há aproximações nas prioridades eclesiais, porém muitas mudanças no jeito de ser Igreja e também no campo social e político. O momento histórico da Igreja, de 1968 a 1979, que levou ao desenvolvimento e conclusões da III Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, realizado na cidade de Puebla de Los Angeles, no México de 27/01 a 12/02/1979, pode ser resumido nos seguintes aspectos: a) o Sínodo sobre Evangelização (1974), com a posterior publicação da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do papa Paulo VI (1975); b) Teologia da Libertação; e c) a realidade política, social, econômica e ditatorial do continente, com o aumento da pobreza e do medo em face das arbitrariedades dos regimes militares. O mundo urbano é uma realidade que atinge a ação evangelizadora da Igreja no Brasil. São diversas as novidades de comunicação por meio virtuais. Essa

realidade predominante desafia a Igreja e todas as pessoas batizadas, inseridas em uma comunidade eclesial, a compreenderem se as pessoas em geral estão dispostas a ouvir a Boa Notícia de Jesus sobre o Reino de Deus, sobre a vida em abundância, sobre o Amor de Deus, sobre a caridade e o cuidado com a vida e com a Casa Comum – todo o planeta. O Papa Francisco, inspirado pelo Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis, recorda que “nossa Casa Comum pode-se comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços” (*Laudato Si'*, 1). Viver em comunidade exige sair do anonimato e do individualismo e assumir cada um seu papel como colaboradores do cuidado com os pilares da Casa. As DGAE 2019-2023, ao retomarem o Magistério da Igreja desde Pio XII, que conclamou os cristãos batizados, especialmente os cristãos leigos, para serem Igreja, propõem um caminho pedagógico de ser Casa, de cuidar da Casa e de abrir as portas da Casa, assim como de Ser Igreja para anunciar Jesus Cristo ao mundo, cada vez mais urbano.

Palavras-chave: Igreja; Puebla; Ação Evangelizadora; Mundo urbano; Discípulos-Missionários; Casa.

ABSTRACT

The purpose of this article is to list, in general terms, the priorities of the III Conference of the Latin American and Caribbean Episcopate in Puebla, in 1979, with the Evangelizing Action Guidelines in Brazil 2019-2023 (DGAE 2019-2023), running through other Latin American Bishops' Conferences and the Guidelines of the General Objectives of the National Bishops Conference of Brazil (CNBB). The DGAE 2019-2023 are presented by the CNBB to the entire People of God in the year we celebrate the 40th anniversary of the III Latin American Episcopal Conference in Puebla. There are approximations in ecclesial priorities, but many changes in the way of being Church and also in the social and political field. The historic moment of the Church from 1968 to 1979 that led to the development and conclusions of the III Conference of the Latin American and Caribbean Episcopate held in the city of Puebla de Los Angeles, Mexico, from January 27 to February 12, 1979 can be summarized in the following aspects: a) the Synod on Evangelization (1974), with the subsequent publication of the Apostolic Exhortation *Evangelii Nuntiandi*, by Pope Paul VI (1975); b) Liberation Theology and c) the political, social, economic and dictatorial reality of the continent, with the increase of poverty and fear due

to the arbitrariness of the military regimes. The urban world is a reality that affects the evangelizing action of the Church in Brazil. There are several news of communication through virtual media. This prevailing reality challenges the Church and all baptized people in an ecclesial community to understand whether people in general are willing to hear the Good News of Jesus about God's Kingdom, about abundant life, about God's Love, about charity and caring for life and the Common House - the whole planet. Pope Francis, inspired by the Chanting of the Creatures of St. Francis of Assisi, recalls that "our Common House can be compared either to a sister with whom we share existence, or to a good mother who welcomes us in her arms" (*Laudato Si*, n.1). Living in community requires leaving anonymity and individualism and assume their role as cooperators of the pillars of the House. The DGAE 2019-2023, when summarizing the Magisterium of the Church since Pius XII, who called on baptized Christians to be the Church, proposes a pedagogical path to be a House, to take care of the House and to open the doors of the House. To be a Church to proclaim Jesus Christ to the increasingly urban world.

Keywords: Church; Puebla; Evangelizing Action; Urban world; Missionary disciples; House.

INTRODUÇÃO

1. CONTEXTO ECLESIAL DE PUEBLA

A III Conferência Episcopal de Puebla “segue o caminho iniciado por Medellín que busca aprofundar a perspectiva no Concílio Vaticano II” (FERRARO, 2018, p. 284). Teve como grande tema a evangelização no presente e no futuro da América Latina. As comunidades eclesiais de base eram o modelo de evangelização, pelo qual a Igreja se fazia presente nas diversas realidades com a participação de mulheres e homens que aderiam a um novo rosto de “ser” Igreja, mais participativa, atuante e missionária.

A situação do crescente capitalismo que favorece o acúmulo de riquezas e poder dos países mais ricos, ante a pobreza nos países latino-americanos, exigia, e continua exigindo, dos cristãos o compromisso de assumir a sua vocação na Igreja e na sociedade a partir de uma fé encarnada e de uma consciência crítica, para viver seu testemunho alegre do anúncio do Cristo Libertador.

A valorização das culturas e expressões religiosas, o ecumenismo e o diálogo religioso tornaram-se uma pedagogia do acolhimento, da abertura ao diferente, capaz de criar

uma comunhão com os que se sentiam fora da Igreja. A eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II promoveu, a partir das estruturas internas da Igreja, uma participação ativa e disponível de todos os ministros ordenados e não ordenados com o desejo de que a Igreja seja uma presença solidária e redentora no mundo, para todas as pessoas. Para Manzatto (2018, p. 307), “Puebla afirma a continuidade do compromisso com os pobres como o caminho a ser trilhado pela Igreja, compromisso não a ser vivido na perspectiva meramente assistencialista, mas como solidariedade a eles em seu processo de libertação”.

Puebla confirmou a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, mas nem as mentalidades ou estruturas se prepararam para acolher essa mudança. Os pobres ficaram à mercê das mudanças. Foram poucas as ações de políticas públicas no campo governamental. Nas ações eclesiais, aceleraram-se as ações paliativas, caritativas e assistencialistas.

Diante do pecado, antes tido exclusivamente como pessoal, a Igreja propõe, a partir da renovação no Vaticano II, um processo de conversão permanente, *metanoia*. O pecado pessoal pode ser compreendido como ações individualizadas provenientes do contexto de uma sociedade individualista que gera desigualdades, individualismo e descaso. A falta de políticas públicas, o desemprego e uma economia de exclusão afetam milhares de pessoas, rebaixando-as para uma condição abaixo da linha da pobreza. Essa atitude pode ser compreendida como pecado social quando, na prática, geram ações conscientes que impedem a maioria da população, especialmente os mais pobres, a viverem dignamente nos seus direitos básicos para uma vida digna. Essas ações, conforme o texto bíblico (cf. 2Rs 15,1ss), não agradam a Deus e deixam de cuidar do projeto mais importante, que é a vida do Povo, garantindo-lhes o direito e a justiça. Consequentemente, como pecado estrutural, pode ser classificado como o descaso e a exclusão social que contrariam o projeto de Deus de vida para todos (cf. Jo 10,10), em detrimento de vida digna para poucos.

Em Puebla, os bispos recomendaram dedicar uma atenção pastoral às famílias, o primeiro centro de evangelização. Destacaram que “as famílias latino-americanas deveriam ter sempre três dimensões: ser educadoras da fé, formadoras de pessoas, promotoras de desenvolvimento” (DP, n. 2). O Documento de Puebla (DP) apresentou a situação da família como uma das instituições em que mais influenciou o processo de mudança dos últimos tempos. A Igreja tem consciência de que

na família repercutem os frutos mais negativos do subdesenvolvimento: índices verdadeiramente deprimentes de insalubridade, pobreza e até miséria, ignorância e analfabetismo, condições desumanas de moradia, subalimentação crônica e tantas outras realidades não menos constrangedoras (João Paulo II, Homilia Puebla, 3 - AAS, LXXI, p. 184). (DP, n. 571).

A família exposta a diversos fatores, como fatores sociológicos (injustiça social principalmente), culturais (qualidade de vida), política (dominação e manipulação), econômicos (salários, desemprego, pluriemprego), religiosos (influência secularista), entre tantos outros (DP, n. 572) viveu um processo de fragilidade diante dos diversos apelos adversos ao testemunho cristão. A Igreja permanece desafiada pelas situações de injustiça e comprometida com o desafio de nossa pastoral para ajudar o homem a passar de situações menos humanas para situações mais humanas.

No Capítulo II do Compêndio da Doutrina Social da Igreja, destaca-se o desejo da Igreja de “apresentar de modo sistemático as pilstras da doutrina social católica” (DSI, n. 1), entre elas, o amor preferencial pelos pobres como opção fundamental da Igreja proposta a todas as pessoas de boa vontade; a leitura crítica da realidade latino-americana; a luta pela justiça; comunidades eclesiais de base; semanas sociais e a importância dos leigos. Sobre os leigos, destacou a “importância fundamental da formação, para que com a santidade da sua vida e a força do seu testemunho contribuam para o progresso da humanidade” (DSI, n. 4). Com o seu ensinamento social, a Igreja entende anunciar e atualizar o Evangelho na complexa rede de relações sociais. À luz da solicitude missionária e salvífica, envia os cristãos leigos para “fecundar e fermentar com o Evangelho a mesma sociedade” (DSI, n. 62), assume a tarefa de anunciar a Palavra de Jesus e atualizar a libertação e a redenção de Cristo, com pessoas e estruturas a serviço de uma sociedade justa e fraterna, e capazes de se solidarizar com as dores dos mais sofridos e empobrecidos.

Anunciar o Reino de Deus, para a Teologia latino-americana, foi apontada como exigência urgente, com o propósito de alcançar mudanças nas estruturas sociais e de garantir vida digna para todos, especialmente para os sofredores. Refletir sobre a importância que o Reino de Deus pregado por Jesus tem para a fé e a prática cristã na atualidade (cf. SOBRINO, 1992, p.141) é tarefa de mulheres e homens comprometidos com a plena realização da justiça, da verdade e do amor fraterno e gratuito. Em outras palavras: “evangelizar o social é, pois, infundir no coração dos homens a carga de sentido e de libertação do Evangelho, de modo a promover uma sociedade à medida do homem porque à medida de Cristo: é construir uma cidade do homem mais humana porque mais conforme com o Reino de Deus” (DSI, n. 63).

A Quinta Conferência Episcopal da América Latina e Caribe em Aparecida, no ano de 2007, é “um marco dos mais felizes da Igreja, pois conseguiu resgatar as riquezas de Medellín, Puebla e Santo Domingo, dar novos passos segundo as necessidades da história, e suscitou um novo impulso dado ao encontro pessoal com Jesus Cristo” (NERY, 2018, p. 310), com o tema Discípulos e Missionários de Jesus Cristo para que Nele nossos povos tenham vida.

Aparecida retoma a diversa realidade dos povos e culturas das nossas terras e como o Evangelho chegou por aqui. Reconhece que as sementes do Verbo espalhadas nas terras latino-americanas é o “Cristo, o Salvador que esperavam silenciosamente” (DAp, n. 4). São três os aspectos mais relevantes tratados pelos bispos na Quinta Conferência em Aparecida: fé viva, evangelização e missão social. Convocou toda a Igreja para ser uma Igreja ouvinte da palavra, orante, missionária, que anuncia com alegria e entusiasmo a boa-nova do amor de Deus em Cristo, que dá sentido ao coração humano, também nesta vida, e samaritana, disposta a ir ao encontro de todos os caídos à beira das estradas do mundo, cuidando deles e curando-os já que “iluminados pelo Cristo, o sofrimento, a injustiça e a cruz nos desafiam a viver como Igreja samaritana (cf. Lc 10,25-37)” (DAp, n. 27).

O coração do Documento de Aparecida é promover o encontro com Cristo, o amor por Ele e o seguimento d’Ele. Propõe um itinerário catequético permanente e, não, uma catequese ocasional. No encontro pessoal com Cristo, o discípulo fica fascinado e admira a pessoa de Jesus. Isso leva a uma adesão, a uma entrega total, a responder aquele “sim” que compromete radicalmente. Propõe a partir do método ver, julgar e agir, um processo de formação dos discípulos missionários e, a partir de uma análise da realidade atual,

compreende que “se faz urgente uma clara e decidida opção pela formação dos membros de nossas comunidades. Isso exige paciência, criatividade e perseverança para conseguir discípulos apaixonados por Cristo, o nosso Mestre que nos conduz e nos acompanha” (DAp, n. 276-277).

As Diretrizes da CNBB aprovadas na 46ª Assembleia Geral no dia 10/04/2008 para 2008-2010 (CNBB, doc. 4), iluminadas pelas conclusões de Aparecida, propuseram a análise de conjuntura, a reflexão acerca dos Discípulos missionários numa Igreja em estado permanente de missão e, no agir, apresentou pistas de ação para a missão evangelizadora: promover a dignidade da pessoa; renovar a comunidade e construir uma sociedade solidária.

Na 49ª Assembleia dos bispos da CNBB, no dia 09/05/2011, foi aprovado o texto das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015. O texto inicia com a premissa de que a Igreja existe para evangelizar e, ao retomar “as alegrias e as esperanças do ser humano de cada tempo” (GS, n. 1), evidencia a retomada das propostas da Igreja no Concílio Vaticano II. Em tempos de mudança de época, a Igreja tem urgência e se propõe a realizar a sua missão de anunciar a boa nova e colaborar com o projeto de Deus, contando sempre com todos os batizados que assumem sua fé na comunidade eclesial. São cinco as urgências apontadas pela Igreja para 2011-2015 para serem assumidas no seu conjunto: Igreja em estado permanente de missão; Igreja: casa da iniciação cristã; Igreja: lugar da animação bíblica da vida e da pastoral; Igreja: comunidade de comunidades; Igreja a serviço da vida plena para todos.

Ao retomar a *Evangelii Nuntiandi*, no início do texto das Diretrizes da ação evangelizadora para 2015-2019, o texto aprovado no dia 18/04/2015, durante a 53ª Assembleia Geral, vislumbra a necessidade de “evangelizar, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade” (EN, n. 20). Com a certeza de participar no seguimento de Jesus, os bispos afirmam que a Igreja continua a ação evangelizadora de Jesus (cf. Mc 16,15) e que as Urgências continuam a impelir a Igreja, agora enriquecidas com o Magistério do Papa Francisco.

Papa Francisco, de maneira incansável e sensível, tem trazido assuntos relacionados ao cuidado com a Casa Comum (LS), à Família cristã (AL), à Igreja acolhedora, samaritana, maternal, serviçal e, sobretudo, com Alegria de Evangelizar (Cf. EG), à alegria na busca da Santidade (Cf. GeE) e à evangelização da juventude que caminha com o Cristo Vivo (Cf. CV).

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco reafirma o dever de evangelização da Igreja, mas que é, igualmente, de todo o povo de Deus que anuncia o Evangelho, ou seja, “o sujeito da evangelização não é mais uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus” (EG, n. 111). A Igreja anuncia a Salvação, que Deus nos oferece, por obra de sua misericórdia (cf. EG, n. 112) e conta com todo o povo de Deus para assumir o Projeto de Amor do Pai, levar de pessoa a pessoa, considerando as diversas culturas e realidade, bem como os diversos carismas.

A dimensão social da Evangelização, no capítulo IV da *Evangelii Gaudium*, propõe um elo de continuidade com Puebla quando afirma que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo”, com as preocupações da evangelização relacionada à inclusão social dos pobres: “isso engloba a educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano se dignifica” (EG, n. 192). Um cuidado muito especial brota do coração do Papa Francisco, que o traduz, em

mágoas: “a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual [...] A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária” (EG, n. 200).

Para ir ao encontro, como Igreja em saída, afirma Francisco que os evangelizadores devem se abrir sem medo à ação do Espírito Santo. Com ousadia, cita com *parresia*, em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contracorrente. Esse é um impulso renovador, missionário e profético! Assim se traduz a convocação do Papa, que olha o mundo e o Projeto de Deus a partir da pessoa e sua inserção na realidade, na história. Francisco testemunha a necessidade de que os evangelizadores rezem e trabalham, para ele não servem propostas místicas desligadas de um compromisso social e missionário e mesmo discursos vazios que não comuniquem aos corações (Cf. EG, n. 262), como as espiritualidades intimistas e individualistas (EG, n. 262).

2. DIRETRIZES DA AÇÃO EVANGELIZADORA 2019-2023

Diante da cultura urbana, as DGAE 2019-2023 estão estruturadas a partir da Comunidade Eclesial Missionária com a imagem da casa, construção de Deus. A cultura urbana, especificadamente no Brasil, representa um campo de disputas entre pobres e ricos, empregados e desempregados, saudáveis e doentes, os que moram em situação de rua, os que moram em casas e outros em condomínios de luxo, os que se alimentam três vezes ao dia e outros que desperdiçam alimentos, os que “moram” nas prisões e os que se escondem por detrás do tráfico de drogas, marginalidades, etc. Há os que frequentam missas e outros que frequentam templos de outras denominações. Todos esses e tantas outras pessoas da comunidade eclesial missionária devem estar de portas abertas para o duplo movimento permanente: entrar e sair. As comunidades são “portas que acolhem os que chegam para partilhar suas alegrias e sanar suas dores” (DGAE 2019-2023, n.7), manifestando, assim, o rosto de misericórdia do Cristo Senhor! (MV, n. 1).

3. DE URGÊNCIAS PARA PILARES

As DGAE 2019-2023, divididas em quatro capítulos, propõem um caminho pedagógico para o testemunho e o anúncio, em profunda sintonia com o Papa Francisco: “voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho” (EG, n. 11), na fidelidade a Jesus Cristo, o missionário do Pai. Como discípulos missionários dos grupos de Jesus, deixar-se atrair pela boa notícia e assumir o compromisso pela edificação do Reino neste mundo é a missão dos cristãos batizados, para gerar no mundo fraternidade e abrir as portas para que muitos que ainda não conhecem Jesus possam aderir ao seu Evangelho e ser Igreja nas realidades urbanas que carecem dessa missão.

O olhar de discípulos missionários não é olhar que julga e exclui. O mundo atual, que passa por diversas transformações, passa a impor modelos contrários às propostas do Evangelho de Jesus Cristo e da Igreja; É nessa realidade que os cristãos são chamados a acolher e ouvir, atentamente, as alegrias e as esperanças das mulheres e homens de hoje (cf. GS, n. 1), as suas fragilidades diante da cultura urbana que não apresenta uma condição basilar, acabando por se abalar seus pilares e suas estruturas. Diante desse olhar dos discípulos missionárias, com esperança e a certeza de que Deus habita essa cidade, cabe

evangelizar a partir das pequenas comunidades, formando, assim, rede de comunidades, ou Comunidades de Comunidades (CNBB, doc. 100). Em um dos seus discursos no ano de 2012, o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio (Papa Francisco) deixa se questionar pela evangelização no mundo urbano: “Deus vive na cidade, e a Igreja vive na cidade. A missão não se opõe a aprender da cidade – de suas culturas e de suas mudanças – ao mesmo tempo em que saímos para pregar o Evangelho. Isso é fruto do próprio Evangelho que interage com o terreno no qual cai a semente” (BERGOGLIO, 2014, p. 5).

A Igreja nas casas é uma experiência das primeiras comunidades (DGAE 2019-2023, n. 73). Jesus assumiu a casa como lugar de encontro, de pregação e de relações fraternas e comunitárias nos ambientes por onde Ele passou. A presença de cristãos leigos e leigas, principalmente mulheres, era muito presente na coordenação das comunidades. É necessário um novo olhar também para o ministro ordenado. Ele há de ser o cuidador e o animador das comunidades eclesiais missionárias. Deve criar comunhão e ser presença nas diferentes comunidades, pastorais, equipes, serviços; ser um ministro em movimento (DGAE 2019-2023, n. 87).

A Igreja em missão tem, como campo de ação evangelizadora, as variadas realidades culturais, econômicas e sociais, com o olhar da fé, da caridade cristã e do ardente desejo de anunciar Jesus Cristo, a partir do modelo sempre atual das primeiras comunidades cristãs (cf. At 2,42; 8,4): “testemunho do Evangelho encarnado na história, encravado nas realidades, comprometido com as dores e lutas dos homens e mulheres, dos jovens, das crianças e dos idosos do nosso país, expressão de uma realidade nova: o Reino de Deus” (DGAE 2019-2023, n. 125). As comunidades são desafiadas a criar espaço de comunhão em um mundo onde convivemos com a tradição do ir à missa, com os medos da violência, da doença e outras fragilidades e onde alguns encontram, na missa e na comunidade, a segurança que buscam, no intimismo de buscar Deus sem se relacionar com a comunidade de fé. O compromisso urgente da ação evangelizadora no Brasil, de acordo com as DGAE, é de formar comunidades que vivam como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária, como espaço do encontro, da ternura e da solidariedade, o lugar da família e têm suas portas abertas (DGAE 2019-2023, n. 129). As comunidades de comunidades, casa do encontro e do diálogo do Povo de Deus em marcha, na construção do Reino de Deus, vive sua dimensão profética ao acolher irmãs e irmãos em um mundo onde o individualismo, o medo e o predomínio das relações virtualizadas dificultam e afastam os olhares e espaços de cuidado e acolhida.

Cada pequena comunidade necessita de elementos de sustentação desde os aspectos da fé e vida, até que “estejam sempre dispostos a dar explicações sobre a esperança que vocês têm se sofrem pela justiça: Não tenham medo, nem fiquem perturbados! Ao contrário, felizes de vocês, se sofrem pela justiça!” (1Pd 3,14-15)

Os pilares sustentam a casa, assim como serão os pilares que sustentarão a pequena comunidade eclesial missionária. São exigências e urgências ainda a serem aprofundadas, experimentadas, sobretudo por todos cristãos batizados que ainda não fizeram seu encontro pessoal com Cristo, para assumir, afetiva e efetivamente e em comunhão, as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja. São estes os pilares: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária. Uma casa precisa ser sustentada contra as tempestades. Jesus disse que é preciso “construir a casa sobre a Rocha” (cf. Mt 7,21). Ele é a Rocha que sustenta e impede da casa ser levada pelas intempéries do cotidiano e das diversas ações ordenadas que orquestram contrariedades para a ação missionária e profética da Igreja.

O **Pilar da Palavra** propõe o itinerário da iniciação cristã com as etapas que lhe são próprias: o *querigma*, o catecumenato, a purificação-iluminação e a mistagogia. Propõe ainda a animação bíblica da vida e da pastoral como caminho para formação de discípulos missionários de Jesus Cristo, com a urgência de aproximar as pessoas e as comunidades da leitura orante da Palavra de Deus.

O **Pilar do Pão** aponta para a liturgia e a espiritualidade, como alimentos da fé cristã, e a mesa, que remete ao sacrifício de Jesus ligado ao sacrifício de tantos irmãos e irmãs. A comunidade será a casa da acolhida, lugar do testemunho da fé no Cristo Ressuscitado, que assume a Cruz de Cristo como caminho de Salvação. Indica que é preciso superar a ideia de que o agir já é uma forma de oração. A correria no mundo urbano dificulta os momentos de intimidade com a Palavra. Na comunidade, corre-se o risco de cair no individualismo e ativismo.

O Serviço à vida plena está inserido no **Pilar da Caridade**. Propõe a capacidade de amar Deus e os irmãos, de se compadecer e ir até as últimas consequências para sarar as feridas (cf. Lc 10,25-37). A oração e a caridade são elementos essenciais para esse Pilar, para uma Igreja que quer ir ao encontro, Igreja de portas abertas. Os desafios a serem enfrentados são muitos, mas as questões sociais, a defesa da vida e os desafios ecológicos da atual cultura urbana globalizada são destacados nas DGAE, como compromisso para as comunidades e também pelas Igrejas particulares, com uma postura de serviço, diálogo, respeito e dignidade da pessoa humana, defesa dos excluídos e marginalizados, compaixão, busca da justiça, do bem comum e do cuidado com o meio ambiente (Cf. DGAE, n. 104), na busca de contemplar o Cristo sofredor na pessoa dos pobres (cf. DGAE, n. 110).

O **Pilar da Ação Missionária** apresenta forte consonância com a Quinta Conferência do CELAM em Aparecida, a qual convocou toda a Igreja para um estado permanente de missão. Em um mundo cada vez mais urbano, a Igreja, para ser missionária, necessita descobrir os meios para se inserir na comunicação e ser presença missionária para propagar o Evangelho – novos areópagos (CNBB 105, n. 250-273) –, ouvir a voz dos jovens, dos migrantes e refugiados, dos idosos, dos profissionais das diversas áreas, no diálogo ecumênico e inter-religioso que atinge as diversas famílias que convivem com diferentes expressões religiosas na mesma casa.

4. IGREJA MISERICORDIOSA

A Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia, deve estar sempre de portas abertas e disposta a acolher, amar e perdoar (cf. EG, n. 114). Toda a Igreja é chamada a ser uma Igreja em saída. Para anunciar a Misericórdia de Deus, carece de olhar as pessoas além das estruturas e reconhecer com alegria as múltiplas riquezas que o Espírito suscita na Igreja, “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG, n. 20). A alegria que poderá brotar especialmente daqueles que menos têm a oferecer, mas que se sentem aliviados pelo peso da cruz que carregam quando, ao encontrarem-se com o Senhor, Ele mesmo se oferece para carregar o fardo pesado, inundará o coração dos que O anunciam aos pobres. A pequena comunidade sustentada pela fé do Cristo que se fez pobre e carregou nossas dores se identifica com o Servo Sofredor e enxerga, nos sofredores, a exigência da fidelidade ao grande projeto de amor do Pai.

Nas casas dos pobres, falta o pão, o alimento de cada dia, mas falta também o anúncio da Boa Notícia. Falta a palavra, porque lhes é negado o direito de exigir seus direitos, mas também a Palavra de Deus que não lhes foi anunciada. Ao anunciar a Salvação para os que mais necessitam da Misericórdia de Deus, sobretudo os pobres, é essencial falar do amor e da proteção de Deus. Contudo, aos pobres que não lhes restou nem mesmo a casa, os pilares de sustentação da sua vida, como transeuntes, são as poucas roupas e os cobertores. Foi-lhes negada a oportunidade de viverem dignamente, especialmente pela total ausência de políticas públicas. Por isso, o Papa Francisco convida cada cristão a discernir o convite do Senhor Jesus, aceitar com alegria para “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG, n. 20) e a fazer crescer uma cultura da misericórdia, para que os cristãos não fujam e não fiquem indiferentes ao caráter social da misericórdia que provoca um olhar misericordioso para populações inteiras que padecem a fome e a sede, sendo grande a preocupação especialmente com as crianças que nada tem para se alimentar (MV, n. 18).

As DGAE 2019-2023 contemplam, de maneira mais efetiva, a ação misericordiosa no Pilar da Caridade a serviço da vida e propõem para toda a Igreja no Brasil: promover a solidariedade com os sofredores nas cidades; priorizar as ações com as famílias e com os jovens; aguçar a atenção às inúmeras e novas formas de sofrimento e exclusão; integrar o contato com a Palavra de Deus; desenvolver grupos de apoio às vítimas dos desumanos atos e processos de violência nas suas mais variadas formas, bem como todos os atentados contra a vida; encorajar o laicato a continuar o empenho apostólico, inspirado na Doutrina Social da Igreja, pela transformação da realidade a partir do engajamento consciente em todas as realidades temporais, política partidária, pastorais sociais, mundo da educação, conselho de direitos, elaboração e acompanhamento de políticas públicas, o cuidado da natureza e de todo o planeta; continuar apoiando a organização do conselho do laicato nos níveis nacional, regional e local; contribuir para o resgate do espaço público da cidade como ágora e foro, lugar de encontro, convivência, deliberação e inclusão dos não incluídos com plena cidadania; assumir com prioridade a promoção da paz, a superação da violência, não ao armamento; ser a voz dos que clamam por vida digna. Terra, trabalho e teto são as três palavras-chaves, expressões centrais das preocupações do Papa Francisco com a situação dos excluídos no mundo contemporâneo (DGAE 2019-2023).

5. OBJETIVO DA AÇÃO EVANGELIZADORA: CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES

O objetivo da ação evangelizadora da Igreja no Brasil tem como metas a salvação da pessoa e da humanidade e conduzir o Povo de Deus rumo à Pátria definitiva. As atuais Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil se situam ainda no contexto do Sínodo da Amazônia. Entre todos os desafios e alegrias, os cristãos leigos e leigas e os ministros ordenados são convocados a desinstalarem-se como Igreja em saída e comungar com a dinâmica sinodal.

A Igreja no Brasil continua a mesma missão de Jesus. A cada quatro anos (com exceção do período de 2008-2010 = biênio), a CNBB define o Objetivo Geral da Ação Evangelizadora no Brasil, conforme verificamos no quadro sinótico dos objetivos do período de 2008 - 2023:

REVELETEO – PUC-SP

2008-2010	2011-2015	2015-2019	2019-2023
Evangelizar, a partir do encontro com Jesus Cristo	Evangelizar, a partir de Jesus Cristo,	Evangelizar, a partir de Jesus Cristo	Evangelizar, No Brasil cada vez mais urbano,
como discípulos missionários	e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia,	na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária, profética e misericordiosa, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia,	Pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discipulas de Jesus Cristo, em comunidades eclesiais missionárias,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,	à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,	à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,	à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
Promovendo a dignidade da pessoa humana,			Cuidando da Casa Comum e
Renovando a comunidade,			
Participando da construção de uma sociedade justa e solidária,			
“para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10)	“para que todos tenham vida (cf. Jo 10,10), rumo ao Reino definitivo.	“para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo.	testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude

No quadro sinótico acima, observaremos as continuidades e discontinuidades nos objetivos da ação evangelizadora dos últimos 4 quadriênios. Outrossim, é imprescindível citar, além do quadro acima, o objetivo das DGAE 1999-2002, na Vigília do grande Jubileu que marcou o ingresso no Terceiro milênio da era cristã, em profunda sintonia com as conclusões do Concílio Vaticano II: “Evangelizar com renovado ardor missionário, testemunhando Jesus Cristo, em comunhão fraterna, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres para formar o povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança nas diferentes culturas, a caminho do Reino Definitivo” (DGAE 1999-2002). Esse tempo de preparação da Igreja para o limiar do Novo Milênio foi, especialmente, um tempo forte de conversão e de formação de todo o Povo de

Deus. As diversas publicações e subsídios para estudos em pequenos grupos traziam uma proposta de novo ânimo e de esperança de pertença à Igreja, assim como da própria presença da Igreja no mundo como testemunha de Jesus Cristo.

A expressão evangelizar, que marca a centralidade dos objetivos, é o centro da missão da Igreja. Ela existe para evangelizar, anunciar Jesus Cristo, fazer chegar a todos a Sua Boa-notícia com alegria, vibração e entusiasmo. Todo cristão é chamado a viver como Jesus viveu, assumir, verdadeiramente, seu projeto e assumir o Evangelho como toda a existência de Jesus, do seu nascimento até a morte e ressurreição gloriosa.

Evangelizar, a partir de Jesus Cristo e do encontro pessoal com Ele, foi um marco nas diretrizes de 2008 a 2019. No entanto, nas novas diretrizes de 2019-2023, a exigência é: evangelizar no Brasil cada vez mais urbano, ou seja, levar a boa notícia de Jesus Cristo, em um ambiente onde viver a experiência de Deus na pequena comunidade já não faz sentido para muitas pessoas, onde o ambiente familiar não prioriza a educação religiosa e a evangelização a partir da Casa.

Todos os batizados são chamados por Jesus para viver um autêntico testemunho do Seu Evangelho como discípulos missionários. Para ser discípulo, pressupõe um processo de aprendizagem com o Mestre Jesus. Como missionário, deve anunciar Sua Palavra de cima dos telhados (cf. Mt 10,27), para fazer chegar essa alegria a todas pessoas. Os acréscimos “e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia” (cf. DGAE 2011-2015) à expressão “como discípulos missionários” (cf. DGAE 2008-2010) remetem à certeza da presença do Espírito Santo dinamizador na Igreja que, além de missionária, terá como objetivo ser profética. Uma Igreja que contempla a realidade à luz da Palavra de Deus e, corajosamente, denuncia sinais de morte e divisão, porque é uma Igreja que tem o Cristo no centro da evangelização e faz memória do sacrifício de Jesus a cada Eucaristia. A Igreja, nas DGAE 2019-2023, reafirma a opção pelas comunidades eclesiais como lugar privilegiado para formar discípulas e discípulos de Jesus Cristo.

Evangelizar e à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres são as duas expressões presentes em todos os objetivos das DGAE. Evangelizar é anunciar a Boa Notícia de Jesus. E não há quem mais necessite dessa Boa Notícia que os pobres, sobretudo no território latino-americano. A Igreja na América Latina renovou, na III Conferência Episcopal de Puebla, a opção preferencial pelos pobres (PB, n. 3) como eixo articulador da ação pastoral, assumindo, verdadeiramente, o projeto de Deus manifestado ao povo da Bíblia (cf. Ex 3,7) e revelado na pessoa de Jesus de Nazaré. Assumir, como projeto de vida pessoal e cristã, a opção preferencial pelos pobres é manter a fidelidade ao que “tem sido uma constante na Igreja desde a práxis da Igreja primitiva de Jerusalém (At 2,42-47; 4,32-37) até nossos dias” (CODINA, 2018, s/p). Nos diferentes períodos das DGAE, de 2008 a 2023, a CNBB propôs ações pastorais e deseja que os cristãos assumam, como compromisso para que o Reino de Deus, que é graça e dom do Espírito, aconteça na vida de todos, especialmente na vida dos sofredores: “promover a dignidade da pessoa humana; renovar a comunidade; a participação de uma sociedade justa e solidária, e o cuidado com a Casa Comum”.

É inegável que todo esforço da Igreja para anunciar Jesus Cristo como centro da Evangelização se resume na missão de Jesus de Nazaré, o Verbo Encarnado: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). As DGAE 2011-2019 complementaram isso com a afirmação “rumo ao Reino Definitivo”. Essa expressão é

fundamental para explicitar a Revelação de Jesus, que quer todos juntos do Pai na eternidade e que desses exige a conversão e a fidelidade.

As DGAE 2019-2023 propõem, como núcleo para a ação pastoral, o cuidado com Casa Comum, testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude. Os bispos da CNBB consideram o mundo urbano como um grande desafio, não só para a Igreja, mas para toda a sociedade. São 86% da população brasileira, segundo o IBGE, que vivem nas cidades. Evangelizar, nesse contexto, exige muito mais que teorias. A exigência é de testemunhar Jesus Cristo por meio de comunidades de fé, atuando junto aos mais pobres, nas situações sociais dramáticas, cheias de fracassos e tragédias, e em prol da vida em plenitude, sinal do Reino de Deus. Segundo o bispo de Jales, Dom Reginaldo Andrietta, o projeto evangelizador da Igreja no Brasil, protagonizado pela CNBB, deverá, enfim, se realizar por meio de pessoas e comunidades autenticamente evangelizadas, atuando em rede e com princípios comuns. Somente assim poderemos transformar a realidade, especialmente urbana, massacrante, simbolizada pela Jerusalém que mata os profetas (cf. Lc 13,34), em cidade santa, lugar real de um novo céu e uma nova terra (cf. Ap 21,1) (cf. ANDRIETTA, 2019).

CONCLUSÃO

A III Conferência do Episcopado Latino-Americano, reunida na cidade de Puebla de Los Angeles em 1979, tratou das contradições da chamada modernidade. Uma das preocupações era “dar continuidade à nova era eclesial inaugurada por Medellín”: a evangelização a partir da velha cristandade já não existia mais. Assim, qual seria o lugar da Igreja no contexto da sociedade? Um olhar atento e um cuidado especial com as mudanças no cenário cultural, religioso, social, político e econômico impunham à Igreja uma nova diretriz na ação evangelizadora. A Igreja, como comunicadora do Evangelho de Jesus Cristo, era chamada a testemunhar, a partir especialmente dos cristãos leigos e leigas e a partir da sua presença na Igreja e na Sociedade, como Sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,13), no campo e na cidade, no mundo do trabalho, nos sindicatos, movimentos sociais, partidos e nas comunidades eclesiais de base (cf. BRIGHENTI; PASSOS, 2018, p. 21).

A V Conferência na cidade de Aparecida, em 2007, contou com a presença de Jorge Bergoglio como arcebispo da Argentina, aquele que viria a ser o Papa Francisco em 2013. Colaborou ativamente no texto conclusivo do Documento de Aparecida. Toda a Igreja foi conclamada a voltar às fontes do cristianismo, vivenciar o encontro pessoal com Cristo e anunciar, com alegria, a Boa Notícia de Jesus de Nazaré. A partir de uma experiência mais querigmática e menos sacramentalista, a Iniciação Cristã foi proposta a todos os batizados, inclusive àqueles que assumem serviços e ministérios na Igreja, a fim que não se tornem meros tarefeiros.

No centro do objetivo da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, está, desde a II Conferência Episcopal de Medellín, a opção preferencial pelos pobres. O significativo avanço em relação ao laicato foi dado pelo Papa Francisco com seus ensinamentos:

a mística da proximidade; a pedagogia do diálogo; a revolução da ternura; o prazer de ser povo; a superação das estruturas ultrapassadas; a reforma dos Tribunais Eclesiásticos; a consciência de que a vida de cada pessoa é uma missão; a participação na política e nos movimentos populares; a certeza de que quem toca no pobre toca na carne de Jesus; a afirmação de que em cada irmão está o

prolongamento permanente da Encarnação do Filho de Deus; a promoção da mulher; a primazia do perfil mariano da Igreja; a cura das feridas e o aquecimento dos corações e outros (CNBB, doc 105, n. 36).

Mulheres e homens, chamados à santidade, vivem no cotidiano com a competência nos mais diversos setores da sociedade. Cada qual com a sua profissão, abraçam a dimensão social do Evangelho e da fé. Com isso, têm contribuído para a evangelização dentro e fora da Igreja, colaborando na santificação das estruturas e realidades do mundo (cf. CNBB, doc 105, n. 29-32), a fim de assumirem, com seu entusiasmo e ousadia missionária, o pedido do Papa Francisco: “nenhuma família sem teto, nenhum camponês sem-terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade(…)” (CNBB, doc 105, n. 181).

Jesus se fez pobre para salvar todos. Este é o objetivo do anúncio do projeto de Jesus: o Reino de Deus. Papa Francisco, porém, afirma que “os excluídos continuam a esperar” em uma sociedade que se apoia no ideal egoísta de desenvolver a globalização da indiferença. Essa torna as pessoas incapazes de se compadecer quando ouvem os clamores alheios. Para o Papa, “já não choramos à vista dos dramas dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe” (cf. EG, n. 54). No caminho do Mestre Jesus, que é caminho de Vida, os evangelizadores testemunham a fé missionária, profética e são enviados pelo Espírito Santo no mundo urbano, na comunidade eclesial, sustentados pelos Pilares da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária. Enquanto Casa, é urgente fazer das comunidades eclesiais – as comunidades de comunidades –, o lugar da Casa Encontro, da Casa Ternura, da Casa Diálogo e da Casa Igreja. Nessa Casa, há que se acolher a todos, “uma Igreja pobre, a serviço dos pobres, presentes das periferias geográficas e existenciais” (cf. EG, n. 200), “a serviço de uma Igreja consoladora, samaritana, profética, serviçal, maternal, movidas pelo amor da Trindade Santa, na vivência e testemunho da comunhão fraterna, como em família, entre amigos, irmãos na fé, companheiro de jornada nas estradas da vida, peregrinando rumo à Pátria Definitiva” (DGAE 2019-2023, n. 129). Indispensável será retomar a experiência das redes de comunidades proposta pelo Documento 100 da CNBB e a aplicação de pistas para uma evangelização mais próxima das pessoas e da sua realidade.

A importância de propagar as DGAE da CNBB implica envolver toda a Igreja, em comunhão com as Conclusões das Conferências Episcopais latino-americanas, para refletir e assumir, como práxis pastoral, as orientações apresentadas a cada quadriênio. Com o objetivo de caminhar nas estradas de Jesus e seguir a Sua mesma missão de “anunciar a boa nova aos pobres, proclamar a liberdade aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para libertar os oprimidos e para proclamar o ano da graça do Senhor” (cf. Lc 4,18-20), os bispos da CNBB seguem a metodologia do Ver-Julgar-Agir, atenta aos sinais dos tempos, das realidades temporais, das alegrias e tristezas das mulheres e homens de cada tempo (cf. GS, n. 1), e convidam todos os batizados para buscar em Jesus a fonte da água que sacia a sede eternamente (cf. Jo 4,1-44). Muitas pessoas ainda buscam a satisfação em outros “poços”, mas aquela mulher samaritana, à beira do poço com Jesus, descobriu a alegria de Evangelizar. Essa alegria é a de quem reconhece que o Filho de Deus encarnado e redentor chega a mulheres e homens feridos pelas adversidades, se aproxima e cura as feridas. Ele é Jesus Cristo, vencedor do pecado e da morte. Ademais,

a alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria (DAp, n. 31).

É perceptível a falta de conhecimento das DGAE pelos diversos grupos, equipes, pastorais, equipes e movimentos da Igreja. Urgente deve ser o esforço para promover a comunhão a partir dos objetivos da DGAE, na esperança de que os objetivos da CNBB sejam assumidos pela Igreja e por todos da Casa, a fim de alcançar plena cidadania que se faz no caminho da Santidade. Todo esforço deve ser feito para ler, refletir e aplicar as conclusões das DGAE, adaptando-as à realidade local com uma visão global. São propostas para uma Igreja mais ativa, profética, missionária, samaritana, maternal, serviçal e acolhedora para ser “Sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13).

Maria, a Mãe da Evangelização, aquela que assumiu o seguimento a Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, o Salvador e Redentor, a serva humilde do Pai, transborda de alegria ao reconhecer que Deus olhou para o povo sofrido na espera da libertação. “Maria, aquela que soube transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura” (EG, n. 286), seja o Modelo, o Tipo (cf. LG, n. 6) para toda a Igreja e para cada evangelizador com espírito missionário; que a Igreja assuma o estilo mariano na atividade evangelizadora (cf. EG, n. 288). Para isso, é fundamental permanecer na Escola de Maria (cf. DAp, n. 288).

BIBLIOGRAFIA

ANDRIETTA, Reginaldo. Evangelizar o mundo urbano. CNBB, 2019. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/evangelizar-o-mundo-urbano>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

BERGOGLIO, Jorge Mario. Deus na cidade. *Vida Pastoral*, São Paulo, ano 55, n. 294, p. 5-16, jan./fev. 2014. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/mariabernadete/revista-vidapastoral-janeiro-fevereirode2014>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

CELAM. *Documento de Medellín* – Texto concluído da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, Paulus e CNBB, 1968.

_____. *Documento de Puebla* – Texto concluído da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, Paulus e CNBB, 1979.

_____. *Documento de Aparecida* – Texto concluído da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, Paulus e CNBB, 2007.

CODINA, Victor. *Repensar a opção preferencial pelos pobres*. Disponível em: <<https://www.ofm.org.br/artigo/repensar-a-opcaelos-pobres-09042018-080109>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Documentos da CNBB 105).

_____. *Comunidade de Comunidades: Uma nova Paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014. (Documentos da CNBB 100).

_____. *Diretrizes da Ação Evangelizadora no Brasil 2008 - 2010*. São Paulo: Paulinas, 2008. (Documentos da CNBB 87).

_____. *Diretrizes da Ação Evangelizadora no Brasil 2011 - 2015*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Documentos da CNBB 94).

_____. *Diretrizes da Ação Evangelizadora no Brasil 2015 - 2019*. São Paulo: Paulinas, 2015. (Documentos da CNBB 102).

_____. *Diretrizes da Ação Evangelizadora no Brasil 2019 - 2023*. São Paulo: Paulinas, 2019. (Documentos da CNBB 109).

FERRARO, Benedito. Pecado Pessoal e pecado social: injustiça institucionalizada e evangelização. In: BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, Joao Décio (Orgs.). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2018.

MANZATTO, Antonio. Opção Preferencial pelos pobres. In: BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, Joao Décio (Orgs.). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2018.

NERY, Israel José. Teólogos e Pastoralistas: Atores dentro ou fora das Conferências. In: BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, Joao Décio (Orgs.). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2018.

SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da Libertação: estrutura e conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1992.

ABREVIATURAS DOS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

AL – *Amoris laetitia*

CV – *Christus vivit*

DAP – Documento de Aparecida

DM – Documento de Medellín

EG – *Evangelii Gaudium*

EN - *Evangelii Nuntiandi*

GeE – *Gaudete et Exultate*

LG – *Lumen Gentium*

LS – *Laudato Si'*

MV – *Misericordiae Vultus*

PB – Documento de Puebla

DSI – Compêndio Doutrina Social da Igreja